



ANTROPOFAGIA PÓS-MODERNA DO POVO SURUÍ-PAITER VIA INCORPORAÇÃO DE TECNOLOGIAS NÃO INDÍGENAS¹

Ucleber Gomes Costa
uclebergomes@gmail.com

Resumo: Este trabalho objetiva trazer uma discussão ensaísta sobre a problemática da incorporação de elementos tecnológicos não indígenas pelo povo indígena Suruí-Paiter como estratégia de fortalecimento transcultural-sócio-ambiental-político-territorial, via projetos *Google Earth Outreach*, intermediado pela ONG Equipe de Conservação da Amazônia (ACT-Brasil) e Projeto de Carbono Florestal Suruí, a iniciativa explora o chamado REED (Redução de Emissões por Desmatamento). Explorar-se-á os conceitos de identidade, transculturalidade, antropofagia numa perspectiva pós-moderna, território, territorialidade, para melhor entendimento das dimensões e relações estratégicas utilizadas pelos índios Suruí-Paiter via incorporação de elementos tecnológicos não indígenas em seu território.

Palavras-Chave: Transcultural; Subjetividade Antropofágica; Projeto de Carbono Florestal Suruí.

GT2 - A Educação Geográfica, suas Linguagens e Representações Espaciais.

INTRODUÇÃO

Para chegarmos aos objetivos desta pesquisa, recorreremos a dados de sites da Internet e jornais também da Internet com reportagens disponíveis que abordam questões relacionadas ao povo indígena Suruí-Paiter dadas por seus integrantes, e os projetos incorporados em seu território com intermediação de não indígenas, porém, entendemos que buscado pelas lideranças indígenas de forma estratégica (antropofágica) para fortalecimento do povo Paeter-Suruí.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

A questão indígena no Brasil, por muito tempo foi pensada pelo viés epistemológico moderno ocidental da colonialidade com a sobrevalorização de uma visão do saber pretencioso “universal” eurocêntrico que desvaloriza e marginaliza a cultura e os saberes locais, dos povos nativos e também dos

¹ Texto apresentado para obtenção de nota da disciplina “Tópicos Especiais III: Multiplicidade territorial e fronteiras” ministrada pelo Prof. Dr. Marcos Mondardo (UFGD).



afrodescendentes, fazendo uma leitura segundo os critérios e valores eurocêntrico via racionalização do capital e com a imposição econômico-político-cultural, além da religiosa.

Para Porto-Gonçalves (2006), “a colonialidade do saber e do poder continua conformando nossos corações e mentes na medida em que os problemas que nos afligem são compreendidos por essa chave que nos conduz à ideia de que devem ser superados por mais modernização, olvidando-se que modernizar é colonizar” (PORTO-GONÇALVES, 2006, p.141). Assim, entendemos que o modernizar, no sentido exposto pelo autor, faz parte de uma visão de “progresso” via colonialidade, ou seja, ideologicamente construído pelo viés europeu ocidental, onde coloca todas as demais culturas e saberes como inferiores, atrasados e, portanto, do passado.

Canclini (2003), mostra que foi e é extremamente contraditório o processo modernizador na América Latina, pois houve uma modernidade sem modernização, porque este desajuste é importante para a classe dominante preservar sua hegemonia. Porto-Gonçalves (2002b, p.234), explica que a modernidade é indissociável da colonialidade:

Explicitemos, portanto, que a geograficidade nas suas dimensões espacial e natural nos obriga a considerar a simultaneidade dos eventos e não somente a sucessão. Assim, nos é possível ver que aquilo que até aqui tem sido considerado mundo moderno, centrado na dinâmica européia, estadunidense e japonesa é indissociável da colonialidade, pois da América Latina e Caribe, da África e da Ásia é que proveio grande parte da energia que move esse mundo seja na forma da matéria petróleo, seja do ouro, da prata, das riquezas minerais ou agrícolas que, sabemos, nunca é só matéria mas, também, trabalho (e não há trabalho sem energia) servil, escravo ou sub-assalariado.

Devido o profundo processo hegemônico pautado pela colonialidade sobre os diversos povos em todo mundo, nossa leitura leva em consideração esta realidade, pois conforma salienta Castro-Gómes (2005), as relações desiguais construídas mundialmente, tem suas raízes na colonialidade. Portanto, há uma clivagem racial e de classe que atravessa os Estados Latinos que são controlados pelos crioulos e não os indígenas (PORTO-GONÇALVES, 2002B, P. 238).



O racismo também foi desenvolvido, ou seja, reforçado no momento em que o colonialismo foi colocado, como nos lembrou Castro-Gómes (2007) em seu texto “Michel Foucault y la colonialidad del poder”, pois dividiu os povos em raças, numa forma de classificar racista\mente para exploração e subjugação dos povos. E, portanto, ajudou na construção do discurso pautado no racismo.

Este processo de alienação dos povos, ou subjugação, é reforçado pela disciplinarização como apontou Foucault (1977, p.78), é um modo de individualização das multiplicidades, mas aliado com a soberania, segurança (segurança *strict sensu*, ou seja, construída a partir do Estado burguês, que dá conta da população de uma nação com vista na sustentação da vida), que partiu da construção dos estados modernos da Europa e que nas relações internacionais da produção, territorial e do trabalho, que coloca o modo de produção, a cultura europeia e o europeu, como superior, sendo os demais povos, inferiores, atrasados etc.

Nessa configuração, aparece a “arte de governar” a governamentalidade a partir dos séculos XVI, XVIII, bem como, a partir da Segunda Guerra Mundial, aponta para um *Homo oeconomicus* neoliberal que passa a ser da empresa e também da produção, a pessoa jurídica, se torna fundamental como agente econômico. O homem é o próprio capital, visto da concorrência, deve investir constantemente para elevar seu capital.

O Lar, a Escola, a Igreja, o Departamento de trânsito, a Polícia etc., são estas instituições que ajudam a assegurar um governo sobre o território, mas sempre algo foge ou escapa do controle dos Estados Nacionais. Veja que Foucault (1977, p.78), nos diz que é questionável o entendimento em que a soberania é exercida nos limites de um território, a disciplina sobre o corpo dos indivíduos e a segurança sobre o conjunto de uma população sendo tudo de forma hierárquica, porém, isto se dá atravessado pelas multiplicidades.

Castro-Gómes (2007) baseado em Foucault, propõe uma teoria do poder heterárquica, onde não nega a exploração e dominação que as instituições promovem, mas considera que antes das instituições, existem pessoas, ou seja, é preciso considerar primeiro as práticas de subjetividade dos sujeitos e que o poder sempre passa pelo corpo.



É dentro deste entendimento que prosseguimos à elaboração do feixe conceitual deste texto, visto que notavelmente a colonialidade está instaurada nas diversas partes do mundo, porém neste emaranhado de relações de poder, existem coisas que escapam e que dependem da subjetividade dos sujeitos, e, portanto, tais ações podem ou não ir numa direção de resistência ou de “contornamento”.

Pela linha da subjetividade, colocamos a metáfora da antropofagia utilizada e discutida por Rolnik (1998), pois colabora como ferramenta estratégica para o entendimento de questões territoriais e identitária no mundo globalizado. Houve um movimento antropofágico na literatura brasileira comandado pelo literata Oswald de Oliveira, onde se fazia um contraponto a importação de uma cartografia cultural europeia pela elite brasileira. Como é sabido, entre os indígenas (exemplo, os tupinambás) a antropofagia ocorria com prisioneiros de guerra, mas também com membros da família e não visava apenas a devoração do outro, mas também a incorporação de elementos do outro para o fortalecimento individual e coletivo.

Partindo desta perspectiva Rolnik (1998, p. 2), define que fazer subjetividade antropofagia, depois de selecionar elementos potenciais, consiste em “deixar-se afetar por estes outros desejados a ponto de absorvê-lo no corpo, para que partículas de sua virtude se integrassem à química da alma e promovessem seu refinamento”. O pensamento antropofágico considera todos os repertórios culturais são potencialmente equivalentes enquanto fornecedores de recursos para produzir sentidos, sem hierarquia cultural.

O conceito de identidade aqui é entendido como práticas sociais vivenciadas e não de forma folclórica como supõe o senso comum. Carvalho (2009, p.5), nos alerta no erro que corremos de folclorizar a identidade: “(...) A visão do índio defendida por muitos leigos é a “mítica”, a qual o índio “puro” deve viver nu, morar nas matas, usar adereços constantemente, pintar o corpo, falar línguas ou dialetos diferentes etc. Essa postura é equivocada” É equivocada, pois o fator de isolamento desapareceu para muitos índios no Brasil, sendo que mantém relações com a sociedade de forma geral, mas que nem por isto, perdem sua indianidade.



A identidade que caracteriza os grupos humanos são importantes para leitura da organização e lutas, pois cada vez mais as lutas se dão não apenas pelas organizações de classe, mas por grupos étnicos como negros, indígenas etc., onde a teoria marxista não dá mais conta de explicar. Assim, valorizamos o caráter da identidade, e também da cultura.

Consideramos os processos de transculturação evidentes nos grupos indígenas no Brasil, e não como aculturação, pois mesmo a mesclagem cultural seja vista do ponto de vista negativo pelo enfraquecimento do povo, o processo ocorre pela transculturação e não pela aculturação como querem alguns autores. No momento atual, segundo Haesbaert (2011, p.20) se baseando em Young (2005\1995, p.5), existe uma autoconsciência e segurança identitária, mas que ao aderir elementos externos, o faz para fortalecimento do grupo e como estratégias de resistência, como no processo antropofágico.

Para Rolnik (1998, p. 6), fazer cultura antropofágica “(...) tem a ver com cartografar: traçar um mapa de consciência que participa da construção do território que ele representa, da tomada de consciência de uma nova figura de si, um novo “em casa”, um novo mundo”. O autor ainda define dois tipos de antropofagia a baixa e a alta, ou seja, a baixa refere-se em um movimento mais egoísta sem muitas mudanças para o fortalecimento, poderíamos colocar o termo aqui utilizado por Haesbaert (2011) de “contornamento” que é algo que apenas contorna a situação, mas não vai à raiz do problema, é apenas um paliativo. Já a alta antropofagia nos faz usar o que tivermos à mão para expansão da vida individual e coletiva (ROLNIK, 1998, p. 14).

Já iremos trabalhar aqui com uma noção de território diferente da de território no sentido foucaultiano de território estatal, moderno\ocidental (HAESBAERT, 2008, p. 36), mas numa tentativa de apontar a um entendimento e compreensão dos novos territórios epistêmicos, materiais e simbólicos que aponta Porto-Gonçalves (2002b):

O território é uma categoria espessa que pressupõe um espaço geográfico que é apropriado e esse processo de apropriação – territorialização–enseja identidades –territorialidades– que estão inscritas em processos sendo, portanto, dinâmicas e mutáveis, materializando em cada momento uma determinada ordem, uma



determinada configuração territorial, uma topologia social (Bourdieu, 1989) (p. 229-230).

É importante a não dissociação da dimensão material e simbólica do conceito de território, sendo possível a dissociação apenas para efeitos didáticos. Em todo território, supõe-se a existência de fronteiras, não apenas como limites, mas como pontos de encontros, desencontros, confronto (HAESBAERT, 2011, p.17) ou de alteridade, a fronteira do humano apontado também por Martins (1997) o lugar da diferença, do estranhamento, o lugar de disputas, de litígios etc.

Já territorialialidade ou a transterritorialidade é o movimento ou o trânsito entre mais de um território, seja no âmbito mais material ou simbólico, pois nos movemos não somente fisicamente, mas também em lugares dados de significação e “território” no interior das relações de poder. No mundo globalizado, transitar em diversos territórios de forma virtual (cirurgia médica virtual, sem necessidade de mobilidade física) também é possível (HAESBAERT, 2011).

Ressalta-se aqui, que foi necessário resgatar, recolocar alguns conceitos devido suas importâncias para se fazer a abordagem pretendida sobre a territorialidade antropofágica exercida pelo povo Suruí-Paiter, visto de implementações de projetos que tem fortalecido o exercício da manutenção territorial e que ilustra bem o momento atual.

CONFIGURAÇÃO HISTÓRICA/ESPACIAL E IDENTIDADE DO POVO PAETER-SURUÍ

O povo Suruí-Paiter fala uma língua Tupi da família Mondé. O território é composto estrategicamente por várias aldeias com aproveitamento das sedes de Fazendas dos invasores a terra indígena Suruí-Paiter Sete de Setembro possui um polígono verde de 248 mil hectares.

A terra Sete de Setembro está localizada no município de Cacoal do estado de Rondônia e no município de Aripuanã do estado de Mato Grosso. Mas o contato com os não-índios, deram-se ainda no século XIX e seus impactos devastadores iniciaram-se com muitas lutas e mortes desde o século XIX até a década de 1920 com exploração da borracha e pelas construções da



estrada de ferro Madeira-Mamoré, além das linhas de telégrafos por Rondon (IRMANDADE BENEFICENTE NATUREZA DIVINA).

O contato oficial com a FUNAI deu-se em 1969, mas os índios Suruí-Paiter apenas começaram a morar no posto (Terra Sete de Setembro) em 1973. Isto ocorreu devido uma procura de assistência médica, pois havia morrido cerca de 300 pessoas acometidas por sarampo. Vemos então aí, os impactos devastadores vindo do contato com os não-índigenas. Como uma estratégia antropofágica, começaram a falar mais a língua portuguesa para reivindicar mais da FUNAI melhoras nas condições de sobrevivência e, em 1980 a maioria já falavam a língua portuguesa (IRMANDADE BENEFICENTE NATUREZA DIVINA).

Para Gasodá Suruí (2012), fica evidente que o problema tem origem no colonialismo e, que o contato com os não indígenas, as políticas de estado geraram e geram muitos problemas que desrespeitam os Direitos Humanos:

Ao contemplar os desafios enfrentados pelos povos indígenas em todo o mundo, é importante lembrar que as raízes de muitos problemas sociais, econômicos e políticos podem ser encontrados nas políticas coloniais. Os povos indígenas do mundo todo estão ligados pela experiência comum de terem sido “descobertos” e submetidos à expansão colonial em seus territórios, o que causou a perda de um número incalculável de vidas e de milhões de hectares de terra e de recursos. Os direitos mais básicos dos povos indígenas foram desrespeitados, e eles foram submetidos a uma série de políticas elaboradas para integrá-los na sociedade e na cultura coloniais. Com demasiada frequência o legado dessas políticas era pobreza, alta mortalidade infantil, desemprego generalizado e abuso de substâncias, com todos os problemas decorrentes.

O líder Almir Suruí, tem recebido constantes ameaças de morte por mineiros, madeireiros e de fazendeiros. Em virtude disto, a Polícia da Força Nacional tem escoltado este líder desde maio de 2012 como ele próprio ressalta “Meu nome entrou na lista do Programa de Proteção dos Direitos Humanos e o governo federal enviou uma escolta para minha proteção”², mas

²Entrevista dada ao portal Época. Disponível em: <http://colunas.revistaepoca.globo.com/viajologia/tag/conservacao/> Acessado em: 27 de Nov. de 2014.



reclama que madeireiros estão contando quantas pessoas existem em sua família para propagarem uma possível chacina.

Estima-se que existiam mais de 5 mil índios Suruí-Paiter sendo que com o contato com os não índios, doenças, alcoolismo, invasões de madeireiros, avanço do agronegócio sobre a floresta etc., este número caiu para pouco mais de 250 pessoas, sendo que com estratégias antropofágicas segundo o ponto de vista aqui defendido, atualmente existem cerca de 1300 pessoas na Aldeia.

INCORPORAÇÃO ANTROPOFÁGICA DE TECNOLOGIAS NÃO INDÍGENAS PELO POVO PAETER-SURUÍ

A abordagem feita aqui não vê como prejudicial a incorporação de tecnologias externas pelo povo Suruí-Paiter, pois entendemos que a racionalidade é outra, a política é diferente das utilizadas pela sociedade segundo os parâmetros moderno. A primeira estratégia utilizada foi de contatar a FUNAI, órgão do governo, para melhorar as condições de vida, tendo em vista do surto de sarampo que matou 300 pessoas. Outra estratégia foi falar a língua portuguesa, sem deixar de falar a língua suruí-paiter, para melhor reivindicar da FUNAI.

Depois destas estratégias antropofágicas, ou seja, que permitiu a incorporação de elementos externos para o fortalecimento do coletivo, o avanço continuou e, segundo Almir Suruí, foram buscar parcerias com o governo e com ONGs acerca de 15 anos para melhorar a vida do coletivo. Considera-se que a identidade é caracterizada por um conjunto de práticas sociais vivenciadas entre os membros de um grupo e da sociedade, e com este conjunto de tecnologias se territorializando no meio, ao invés de enfraquecer, fortaleceu o coletivo. Como explica Gasodá Suruí (2012):

Ser indígena no século 21 significa manter redes de relacionamento e compartilhar conhecimentos tradicionais e melhores práticas com as comunidades indígenas em todo o planeta usando o iphone, aparelhos celulares Blackberry, os sites Facebook, Myspace, Youtube e qualquer outra ferramenta tecnológica disponível.

Ser indígena no século 21 significa ser empreendedor, médico, cientista ou até mesmo um astronauta que deixará suas pegadas na lua e então retornará ao lar para participar das cerimônias que seu povo vem realizando desde o início dos tempos.



O acesso a computadores e internet aos índios Suruí-Paeter, possibilitou denunciar práticas de devastavam da floresta e reforçar a luta pela preservação da natureza. Veja que a figura a Figura 2 a baixo, mostra a área verde da terra Sete de Setembro rodeada por áreas devastadas por madeireiros, garimpeiros e devido ao avanço do agronegócio.

Figura 2 – Perímetro da Terra Sete de Setembro.



Extraído de: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/03/100316_suru_i_abre_pu.shtml

Ressalta-se que o maior avanço no combate ao desmatamento se deu com o projeto em parceria com o *Google Earth Outreach*, começado em 2007 com intermediação da ONG Equipe de Conservação da Amazônia (ACT-Brasil) que levou a São Francisco o líder Almir Suruí na sede do Google. Entre os equipamentos fornecidos pelo *Google*, estão computadores de última geração, *smartphones* e *GPSs*. O líder suruí enfatiza que foi vis este projeto que esbarrou o desmatamento na terra Sete de Setembro. E continua:

Isso afeta os interesses das pessoas que querem explorar o meio ambiente de maneira errada. Não acho que a floresta é intocável, mas você tem que fazer certo, com plano de manejo, com sustentabilidade. Por causa dessas ações, a gente começou a receber ameaças de morte.

A primeira coisa que foi feito com o projeto, explica o líder, foi um georreferenciamento das condições ambientais, ou seja, um mapa cultural multimeiodigital da terra (Ver Figura 3). Com acesso a internet e computadores, os suruíis alimentaram a internet com sua cultura, vários são os vídeos com



suas músicas e danças encontradas na web valorizando e reforçando suas identidades.

Figura 3 – Mapa cultural Paeter-Suruí



Extraído de: <https://www.google.com.br/search?q=Mapa+cultural+suru%C3%AD&biw=>

Outro projeto que antropofágico é o Projeto de Carbono Florestal Suruí, a iniciativa é dentro do chamado REED (Redução de Emissões por Desmatamento). Como já divulgado pelas mídias eletrônicas, já foi vendido o primeiro crédito de carbono da terra Sete de Setembro. Entendemos que esta é uma estratégia altamente sustentável para o povo Paeter-Suruí, visto que é uma demanda crescente em nível mundial, devido o nível de devastação da natureza o projeto moderno ocidental implantou sobre o planeta, numa separação entre homem e natureza.

Esta estratégia de vender o crédito do carbono pelos Suruí-Paiter lhes rendeu sustentar economicamente com a venda de 120 toneladas a uma empresa de cosméticos. Esta foi a primeira vez que uma aldeia indígena vendeu crédito de carbono no mundo. Entende-se que os reflexos dessas estratégias antropofágicas utilizadas pelos Suruí-Paiter são para o fortalecimento transcultural-sócio-ambiental-político-territorial e que dará cada vez mais autonomia e liberdade do coletivo e que não tem pretensão de ser



modelo único aos demais povos indígenas, mas serve para reflexão estratégica.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Considera-se aqui que as estratégias antropofágicas utilizadas pelos Suruí-Paiter criou um ambiente mais autônomo e preparado para enfrentar as demandas que o futuro impõe aos povos indígenas. Via estas incorporações tecnológicas às ações saíram do âmbito assistencialista recorrente do Estado Brasileiro para os povos indígenas e para considerável parte da população nacional não indígena, e inseriu economicamente este povo num contexto de liberdade e autonomia para reforçar sua identidade.

Apesar das transformações ocorridas na cultura do povo Paeter-Suruí, a identidade foi reforçada, e todo o contexto transcultural-sócio-ambiental-político-territorial, visto que superaram o desmatamento e o avanço do agronegócio na terra Sete de Setembro, além de inserir seu líder Almir Suruí como uma das lideranças mais reconhecidas no âmbito nacional e internacional, onde já conquistou vários prêmios nacionais e internacionais pelo seu trabalho.

Com o relato do texto fica claro a diferença da racionalidade moderno ocidental da praticada pelos Suruí-Paiter, onde natureza e ser humano são indissociáveis, além do exemplo de aplicação de tecnologias como computadores, internet e GPS para uma transformação visando reverter o atual desequilíbrio ambiental.

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 2003. (entrada, capítulo 1 e 2).
- CASTRO-GÓMEZ, S. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”, in Edgardo Lander (Org), **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, 2005, p.169-186.
- CARVALHO, E. dos S. IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO NA INTERAÇÃO SOCIAL. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, Ano 05 n.10, 1º Semestre de 2009, p. 1-12.
- _____. Michel Foucault y la colonialidad del poder. *Tabula Rasa* (Bogotá), n. 6, jan-jun. 2007.



FOUCAULT, M. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008^a. (páginas 3 a 72).

_____. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008^a. (páginas 397 a 430).

HAESBAERT, R. Sociedades biopolíticas de in-segurança e des-controle dos território. In: OLIVEIRA, M. et al. (Org.). **O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas**. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj e ANPEGE. 2008.

_____. Multi\transterritorialidade e “contornamento”: do trânsito por múltiplos territórios ao contorno dos limites fronteiriços. In: FRAGA, N. C. (Org.). **Territórios e fronteiras: (re)arranjos e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2011.

HAESBAERT, R. MONDARDO, M. Transterritorialidade e antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana. **GEOgraphia**, n. 24, 2010.

PORTO GONÇALVES, C. W. Da Geografia às geografias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: SADER, E. CECENA, A. E. (Orgs.). **La Guerra Infinita-hegemonia mundial**. Buenos Aires: CLACSO, 2002b.

_____. “Geografia da violência no campo brasileiro: O que dizem os dados de 2003”, **Revista Crítica de Ciências Sociais**. nº 75, 2006, p.139-169.

ROLNIK, S. Subjetividade Antropofágica. In: HERKENHOFF, P. PEDROSA, A. (Orgs.). **Arte Contemporânea Brasileira: Um ventre Outros**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998, p. 128-147.

SITES VISITADOS

UCHOA, P. Usando a internet, índios combatem desmatamento na Amazônia.

BBC BRASIL. 16 março de 2010. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/03/100316_suruí_abre_pu.shtml

. Acessado: 26 de Nov. 2014.

WIKIPÉDIA, **Suruí de Rondônia**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Suru%C3%AD_de_Rond%C3%B4nia Acessado em:

25 de Nov. de 2014.

SURUÍ, G. **Povos Indígenas do Século XXI**. 15 de maio de 2012. Disponível em: <http://gasodasuruí.blogspot.com.br/> Acessado em: 24 de Nov. 2014.

CACOAL NEWS. **Primeiro crédito de carbono é vendido por Aldeia em Cacoal**. Disponível em:

<http://www.radioclubecidadefm.com.br/2013/09/primeiro-credito-de-carbono-e-vendido.html> Acessado em: 27 de Nov. de 2014.

CALIXTO, B. Líder que levou o Google as aldeias sofre ameaça de morte. **ÉPOCA**. 11 de Set. de 2011. Disponível em:

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI247727-15228,00.html>

Acessado em: 23 de Nov. de 2014.

PAETER SURUÍ. **“O povo verdadeiro, nós somos”**. Disponível em: <http://www.paeter.org/> Acessado em: 25 de Nov. de 2014.

IRMANDADE BENEFICENTE NATUREZA DIVINA. **Povos Suruí**. Disponível em: <http://naturezadivina.org.br/textos/cultura-indigena/povos-suruí/> Acessado em: 27 de Nov. de 2014.